INFORMA LITERÁRIA

Ano I, Edição II

Juiz de Fora, fevereiro/março de 2001

EDITORIAL

O que nos torna mais ou menos importantes perante os olhos de Outrem é a capacidade de podermos concluir algo eficazmente que o deixe de bem consigo mesmo e com a sua Cosmovisão. Depois de ter conjecturado isto, chego à conclusão de que este esboço de jornal não entrará nunca na galeria de importância desse Outrem, pois, à maneira de Walter Benjamin, “somente o mais fraco, o mais disperso encontra sua incomparável alegria no concluir e se sente com isso devolvido à sua vida”; neste esboço de jornal, primamos pelo fragmento e, dessa forma, “toda e qualquer cesura, os pesados golpes do destino como o suave sono, cai na industriiosidade de sua própria oficina de trabalho”. Afinal, como dito por Brás Cubas, nem os próprios seres humanos estão concluídos, pois “cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes”. Mas não precisa estar morto para colaborar com o esboço de jornal, basta me procurar na sala 306 no prédio da Academia.

Darlan de Oliveira Lula

Nessa edição estréia do quadro: “Industriiosidade em criação” com o texto *Maior Ofício*.

Teatro... sempre!

Mede-se a cultura de um povo pelo seu teatro
Garcia Lorca

Quando alguns alunos do 3º período de Letras, no 1º semestre do ano passado, dispuseram-se a encenar uma adaptação do *Auto da Barca do Inferno*, de Gil Vicente, não tinham a menor idéia de aonde essa iniciativa poderia levá-los. O que seria, a princípio, uma dramatização para a turma, ganhou espaço, forma e, com um pouco de coragem e bastante incentivo da professora Edinéia Rocha, passou a ser apresentado no anfiteatro e para outras turmas e outros professores, inclusive para a coordenadora do curso, a professora Elizabeth Sacchetto.

Ao final do espetáculo, o grupo teve seu trabalho tão bem reconhecido pelo público presente que foi convidado pela coordenadora a se apresentar na Semana de Letras e a levar em frente a idéia de um grupo de teatro com alunos do CES – convite feito com o público ainda presente no anfiteatro.

A partir daí, o grupo, agora também apoiado por outros professores, sobretudo Luciana Netto, reuniu-se e resolveu fundar o **LE TRUPE** com o fim de estudar e encenar algumas obras de autores dramáticos de maior renome. Sendo assim, após a apresentação para a Semana de Letras, decidiu-se ensaiar um novo espetáculo nas férias da Faculdade e apresentá-lo, logo que possível, marcando definitivamente a sua existência.

O texto, inspiração livre de algumas obras de autores como Shakespeare, Aristófanos e Millôr Fernandes, leva o título de *A eterna luta entre o homem e a mulher*. Sua temática central mostra os conflitos entre os dois sexos, seus amores, seus medos, em diversas fases da história de suas vidas, partindo da pré-história até os dias atuais. Aguardem!

Continua na próxima página

Fazer teatro é aventurar-se, dia a dia, na busca de conhecermo-nos e superarmos nossos limites. É a procura incessante de vivenciarmos outras vidas, novas experiências. É um desafio constante.

Juca de Oliveira já dizia: “Interpretar é sempre um ato de mergulhar na busca de caminhos não percorridos. O fascinante é descobrir, em algum canto, dentro de nós, essa criatura não suspeitada, esse meu igual e tão diferente e que parece implorar por alguma forma de existência. O teatro é um fenômeno de magia!”

Seja lá qual for a definição ou a visão que alguém possa ter sobre o teatro, o que importa é que ele existe e está ao nosso alcance. Podemos e devemos apoiar, assistir e produzir espetáculos diversos; afinal de contas, teatro... sempre!

Cristiano Fernandes.

(Aluno do 5º período de Letras – Diretor do **LE TRUPE**)

DILETANTISMO CRÍTICO

“O crítico é aquele que nas formas entrevê o destino[...].”
G. Lukács

Outro dia vi-me em uma situação embaraçosa nos domínios territoriais da nossa Faculdade. Fiquei perplexo com algumas convicções sugeridas e abordadas por certas pessoas sobre certo livro analisado esteticamente, estruturalmente ou, pelo menos, tentando-se fazer este tipo de lisura. Após o melancólico desfecho desse estudo, decidi, algum dia, em terreno propício a elucubrações literárias, escrever algo para tornar menos turva essa situação um tanto quanto vexatória.

Desejo aqui preambular sumariamente a objetivação de um estudo sério e sem “achismos” recorrentes a respeito da crítica literária que deve primar pela fundamentação teórica respaldada em grandes nomes como o de Antonio Candido em depreciação ao diletantismo tão em voga na segunda metade do século XIX e, infelizmente, esboçado em nosso meio acadêmico. O que se espera, pelo menos em sua mínima parcela, são trabalhos enfeixados na leitura teórica e nos conhecimentos indispensáveis a esta faceta da conceituação literária analítica.

Tomando a vertente interdisciplinar, orgânica e substancial de Antonio Candido devemos, na maior parte das obras, “averiguar como a realidade social se transforma em componente de uma estrutura literária, a ponto de ela poder ser estudada em si mesma; e como só o conhecimento desta estrutura permite compreender a função que a obra exerce”¹. Necessariamente, teremos que ler as entrelinhas da obra analisada, as idiosincrasias e configurações latentes que permeiam a forma e estruturam o objeto estudado, trazendo à tona o relevo extra-literário intrínseco à obra, mas temos em mente que não deve haver hierarquia entre as partes estruturais que, por outro lado, são subjugadas a uma estrutura maior que constitui o todo coeso.

O que os acadêmicos de Letras não entendem por falta de uma linha de raciocínio pautada em leituras dialéticas e ricas em reflexão filosófico-social é que a obra analisada pode

ser trabalhada por ela e nela mesma, não precisando buscar em terreno vago e infrutífero algo a mais que recalcará a mola propulsora da estrutura textual e muito menos retirando e analisando em separado os elementos sociais, ou seja, o *externo* que “importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, *interno*”.² Quando se destaca inexoravelmente o social da obra, mesmo para se definir uma análise, está-se arrancando uma flor da terra que a alimenta e que em breve murchará e morrerá. Retomando esse processo, agora sob a efígie de Roberto Schwarz, diria que “a sociedade não aparece como modalidade envolvente [na obra], mas como elemento interno ativo, sob a forma de um dinamismo especificamente seu, resultado consistente dela e potência interior ao romance, onde atritará com outras forças e revelará algo de si”³. Mas será que os achados sociais foram postos voluntariamente e conscienciosamente pelo autor da obra? Será que essas formulações não são um pouco arbitrárias? Como dito por Antonio Candido, a “violência social [do livro] é maior do que supunha o [seu] autor” e isso demonstra e explica os arrojados da interpretação crítica, além da interação psíquica nos processos de composição.

Assim como não se quer um meio acadêmico com irreflexão e subordinado aos onerosos textos meramente didáticos e pragmáticos também é inconcebível que os graduandos palream versados nos “achismos” e no inseqüente diletantismo em relação a análises literárias. Sigamos a recomendação de Machado de Assis: “raspar a casca do arroz, para ver o que há dentro”.

Darlan de Oliveira Lula
(Aluno do 5º período de Letras)

Notas:

¹ CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade*, p. 1

² P. 6.

³ SCHWARZ, Roberto. Adequação nacional e originalidade crítica, in: ___. *Seqüências brasileiras*. P. 34.

INDUSTRIOSIDADE EM CRIAÇÃO

Maior ofício

O maior ofício de alguém que escreve é escrever sobre o tema que mais deseja. Em alguns anos como alguém que escreve, vira e mexe, me encontro em frente ao computador querendo escrever sobre um caso que pretendo viver com uma mulher loura. Às vezes a vejo na rua, mas sempre a deixo escapar sem nem sequer perguntar-lhe: - Ei, qual é o seu nome? Onde você vive?... tai outra pergunta imbecil: ela vive em minha cama... é! minha cama, e no meu banheiro - ou em qualquer outro lugar: ela existe na minha “cabeça”.

Antes que eu consiga criar alguma coisa a “proteção de tela” do computador se põe na minha frente em dois estilos: um num dizer de Drummond - que me leva ao espaço, e outro o próprio espaço pra onde “Drummond” me lança. Quando demoro muito (às vezes acontece) o monitor inteiro mergulha em sua quase morte (ele está quase vivo...), é o chamado “poupar energia”... não as minhas.

Antes eu usava um caderno de rascunhos com mais frequência... dele (e não do computador) tirei minhas melhores coisas; às vezes a inspiração de algo que só viria a nascer no monitor... que se esvai (e me trai).

Hoje, novamente, acometeu-me o pensamento de escrever algo sobre alguma loura. Vi numa edição mais apetitosa que de costume da Playboy que para se referir às mulheres de cabelos do “valor do metal louro” escreve-se: “louras”... deus! Eu sempre preferi: loiras. Então assim vou fazer (se o monitor permitir). Sábado fui a um show desagradável com pessoas agradáveis. Na ocasião conheci um sujeito (que não me era estranho - depois descobriu-se que o Colégio e Curso Opção era o ponto em comum) até que simpático... boa praça - como me disse uma vez tio Geraldo - e com a importância da genética ao seu lado, não porque fazia medicina, mas porque tinha uma irmã de nome Ana-Não-Sei-Das-Quantas, que era loira e amavelmente (...deliciosamente) meiga, simpática e de uma beleza que ainda não consegui definir nas muitas categorias de beleza que tenho na mente. Disseram-me que tinha namorado e a prima dela que estava com ela conversou mais comigo do que Ana-Não-Sei-Das-Quantas. A prima de Ana-Não-Sei-Das-Quantas não era loira de corpo, não era loira de alma. O show era a rua e Ana-Não-Sei-Das-Quantas era a mulher loira com quem queria eu ter um caso, vi e nada perguntei (deixei passar...). Mas se águas que já foram não fazem o moinho dar lucro - também porque segundo sei de mim, mais cedo ou mais tarde deixo outra Ana-Não-Sei-Das-Quantas passar por um eu atônito - vamos ao hoje: subindo a rua do queijeiro pensei nuns versos que serviriam para ilustrar minha situação (acho que seriam mais ou menos assim):

gustavo

“Sai, gustavo! Sai!
Me deixa'qui, vai!”
E o gustavo sai.

“Faz, gustavo! Faz!
Você num faz nada, faz?”
E o gustavo... não faz.

“gustavo, menino, acorda!
Acorda e passa!”
E o gustavo não passa.

“Nossa! ‘Quis’ músicas!
‘Quis’ músicas são essas(!) gustavo?”
E o gustavo muda.

“gustavo(!) meuDeus!
Deusmeajuda!”
E o deus de gustavo é mudo.

“gustavo! gustavo!
Esse menino não tem jeito!”
E esse gustavo é tudo.

... o “poema” poderia chamar também: Sobreposição do ego, ou melhor: Inibição, ou ainda: Incapacidade de decisões, ou atitudes, ou o título mesmo que recebeu que cairia tudo no mesmo buraco. Por fim, acho eu, que consegui escrever sobre loiras... fui mais rápido que a informática...

Gustavo Coutinho Goulart

(Ex-aluno do CES)